

DA RUINOLOGIA À RUINOPHILIA: PERSPECTIVAS SOBRE A ARQUITETURA EM RUÍNA FROM RUINOLOGY TO RUINOPHILIA: PERSPECTIVES ON RUINED ARCHITECTURE RAFAEL SOUZA, ETHEL PINHEIRO

Rafael Ferreira de Souza é bacharel em Comunicação, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e Doutorando em Arquitetura no Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Estuda cultura e ambiências de arquiteturas em ruínas. rafael.souza@fau.ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/4959699562584841>

Ethel Pinheiro Santana é Arquiteta e Doutora em Arquitetura e Urbanismo. É professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) onde coordena o Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo e é editora-chefe do periódico científico CADERNOS PROARQ. Realiza pesquisas sobre representação arquitetônica, com ênfase no planejamento e design do espaço urbano, desenho técnico e de observação e antropologia urbana. ethel@fau.ufrj.br

<http://lattes.cnpq.br/0626564193609027>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: SOUZA, R. F.; PINHEIRO, E. Da ruinologia à ruinophilia: perspectivas sobre a arquitetura em ruína. **VIRUS**, n. 24, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v24/657/657pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

Resumo

A cultura das arquiteturas em ruínas vem passando por uma ruptura de significados nas últimas décadas. Se, inicialmente, seu caráter nostálgico, atrelado às representações visuais idílicas, teve papel fundamental na sua difusão, principalmente do movimento do Romantismo na Europa, no decorrer dos séculos XX e XXI, as mudanças drásticas na conformação arquitetural das cidades trouxeram uma nova escala de arruinamento, além do modo de representar e decifrar o sentido das ruínas. Composto por três seções: ruinologia, ruinophilia e ação contra-hegemônica nas ruínas, este artigo busca ampliar a compreensão do campo de estudos da cultura das ruínas na seara da arquitetura. Pretende-se levantar discussões que ponderem não somente o caráter historiográfico, mas também que possam avançar para uma esfera amplificada, de método fenomenológico, propondo perspectivas dissemelhantes das narrativas em ruínas historicamente hegemônicas, no intuito de destronar a concepção bucólica preponderante nas abordagens teórico-históricas e recolocar a discussão no campo da arquitetura e urbanismo. Essa intenção tem como alicerce as especificidades de cidades contemporâneas, seus novos engendramentos, como a ação contra-hegemônica do movimento de exploração urbana *Urbex* em espaços arruinados. Por fim, o trabalho traz à baila uma compreensão das ruínas num arco temporal estendido, que, por sua vez, desloca o pensamento, o imaginário e o sentido dos paradigmas conceituais e assim possibilita que a cultura das ruínas contemporâneas amalgame as suas características intrínsecas e multifacetadas.

Palavras-chave: Arquitetura, Ruína, Cidade

1 Introdução

Este estudo se propõe a analisar a cultura das arquiteturas em ruínas, com o intuito de contribuir com os estudos na seara da teoria da arquitetura, que se debruçam sobre os destroços arquiteturais. Esse esforço pretende ampliar a perspectiva do debate que se dá nesse campo de estudos da arquitetura e que, frequentemente, se reduz ao dualismo estampado nos conceitos de John Ruskin (1849) e Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc (2000), o que restringe o diálogo apenas às questões de restauro e conservação que dominaram a discussão sobre a temática das ruínas. Contudo, se restringirmos tal temática a essas questões, a cultura das arquiteturas em ruínas estaria, assim, estrangulada num aparato cognitivo atrelado à historiografia e à representação bidimensional simbólica, principalmente nas análises das pinturas nostálgicas que dominaram o período do Romantismo inglês, época fértil de representação das arquiteturas em ruínas.

No entanto, neste trabalho busca-se levantar esse debate em um campo ampliado de entendimento das ruínas, que desloca o pensamento e o imaginário contido neste modelo prévio, atrelando os estudos a uma reflexão crítica, na qual novos paradigmas conceituais possibilitam entender, de forma mais assertiva, a cultura das ruínas contemporâneas. Tal cultura está fincada nas características das cidades contemporâneas, com seus espaços disruptivos e multifacetados, que são o lócus das explorações urbanas do século XXI, ação essa realizada pelo movimento conhecido como *Urbex*. Também pretende-se contribuir com o debate ao ir além das explicações que privilegiam os fenômenos arquitetônicos contidos em si mesmos nos edifícios ou em seus entornos, trazendo a dimensão das transformações sociais, culturais e estéticas contemporâneas para um debate espacial, conforme apontado por Gottdiener (2016) em 1985.

O caráter contra-hegemônico dessas interpretações e ações assume um protagonismo de relevância na cultura das ruínas, pois desvela uma camada oculta da cidade, escamoteada sob uma imagem e uma narrativa preponderante, que não considera os espaços arruinados que estão presentes de forma ubíqua na conformação arquitetural da urbe. Destarte, ao propor perspectivas dissemelhantes das narrativas em ruínas historicamente hegemônicas, este artigo busca inserir o cidadão e sua experiência vivida na cidade, como um método de caráter fenomenológico. Essa metodologia é apontada como ponto de base para uma virada epistemológica, que a contento possibilite destronar a concepção bucólica preponderante nas abordagens teórico-históricas sobre ruínas, aproximando, assim, as ações de campo contemporâneas realizadas nos espaços arruinados ao constructo ideológico que se desenvolveu ao longo do tempo na compreensão e representação das arquiteturas em ruínas.

2 Ruinologia

A cultura de apreciação das ruínas se iniciou historicamente em períodos distantes da sociedade contemporânea do século XXI. A historiografia que buscou versar e registrar o espaço arquitetônico arruinado se desenvolveu *pari passu* às expedições arqueológicas, realizadas em áreas do entorno da Roma antiga e que se atrelavam ao crescente fascínio com objetos de sociedades longínquas, que cada vez mais preenchiam os antiquários. As escavações arqueológicas de camadas de cidades mortas pareciam se desenvolver concomitante ao período do Renascimento, entre meados do século XIV e o fim do século XVI, que valorizou a antiguidade clássica e a ciência (KNACK, 2017). Todo esse contexto foi de extrema importância para a criação de instituições que posteriormente surgiram na sociedade francesa dos séculos XVII e XVIII com temáticas patrimoniais da arquitetura e que, do mesmo modo, buscaram aglutinar discussões e reflexões críticas sobre as ruínas (CHOAY, 2006). Várias pinturas dessa época traziam arquiteturas em ruínas em sua arte, misturando a representação idílica de um tempo passado ao gosto pelos destroços arquiteturais.

Nesse ínterim, o fascínio pelo simbolismo das ruínas atingiu seu ápice no movimento do Romantismo, que valorizava a subjetividade e que se deu principalmente na Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Nessa época, o deslumbramento com as arquiteturas em ruínas foi deveras expressivo e trouxe aberrações, como a encomenda por pinturas de ruínas de prédios que ainda não estavam abandonados e deformados pela ação do tempo (DILLON, 2011). As narrativas de arquiteturas em ruínas traziam um mistério e um campo imaginativo peculiar, que possibilitava impressões e descrições multivocais da arquitetura de outrora. Os textos da escritora inglesa Rose Macaulay (1966) são profícuos em suas minúcias, pois catapultaram a alegoria das ruínas para um mundo imaginativo, capaz de traçar e cruzar tempos históricos, além de aludir pormenores dos espaços arruinados de modo único. Cada palavra parece abrir feixes, endereçar nuances e expandir o entendimento das cidades e suas arquiteturas que eram descritas.

De caráter historiográfico, os textos de Yi-Fu Tuan, em seu livro *Paisagens do medo* (2005), também descrevem com acuidade a presença de casas assombradas e abandonadas nas áreas rurais da Inglaterra do século XIX. O autor traça uma conexão indissolúvel entre a decrepitude e a arquitetura, através de contos e narrativas que buscavam descrever as ambiências soturnas que as ruínas carregaram em seu âmago. As ruínas, nesse sentido, ganhavam proeminência nas artes e na literatura e, logo, protagonizavam um papel importante contra as narrativas hegemônicas de interesses dos grupos dominadores da época. Esse protagonismo parecia, de certa maneira, se debruçar sobre a intenção direta de transmutar a própria historiografia da arquitetura, alargando dessa forma a compreensão e a importância da própria finitude nas narrativas em arquitetura vigentes da época.

Dentro desse contexto, a ruinologia, ou seja, o campo de estudo das ruínas, aparentava estar restrita à representação bidimensional e simbólica das pinturas; e seu debate público surgiu e se intensificou, principalmente no século XIX, emanando do embate entre as ideias do crítico de arte britânico John Ruskin e do arquiteto francês Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc. Ruskin (1849) defendia a áurea das ruínas, a condição imanente e peculiar da arquitetura que havia sido modificada pelo tempo e que deveria ser respeitada da forma em que se encontrava. Viollet-le-Duc (2000), por sua vez, argumentava em prol da conservação e restauro das ruínas, tendo em vista seus postulados teóricos da preservação do patrimônio histórico. Nesse cenário, a preservação do patrimônio histórico arquitetônico havia ganhado notoriedade aos interesses públicos (CHOAY, 2006), e as questões trazidas pelos emblemáticos autores engolfaram a discussão em torno das ruínas por muitos anos. Suas teorias criaram escolas de pensamento, mas considerando a perspectiva da pesquisa adotada neste artigo, esse dualismo acabou engessando o pensamento e a reflexão crítica da cultura das ruínas, nomeadamente na seara da arquitetura.

Com a chegada do século XX e a Revolução Industrial que se projetou a partir da Inglaterra para o mundo, todavia, os espaços das cidades começaram a sofrer drásticas rupturas. As novas escalas projetivas e o rearranjo espacial da urbe impactaram diretamente a relação dos cidadãos com a experiência no ambiente urbano, o que também afetou o sentido e o entendimento da cultura das ruínas que se desenvolvia até esse período. Trabalhos como o de Tanizaki, *Em louvor da sombra* (2017), publicado em 1933, mas publicizado amplamente apenas no final do século XX, demonstram que em contextos bem além da supremacia teórica ocidental a apreciação pela estética das sombras, do encobrimento dos objetos, ou mesmo da apreciação da experiência por frestas, valas, coisas inacabadas ou ocultas, já fazia parte de um repertório que fugia à ideia convencional de clareza e manutenção dos edifícios em cartas patrimoniais europeias e norte-americanas: “sempre que, em templo de Kyoto ou Nara, sou conduzido a uma escura e antiquada latrina, impecavelmente limpa, sinto renovar em mim a admiração pela arquitetura japonesa” (TANIZAKI, 2017, p. 21).

3 Ruinophilia

A mudança da conformação arquitetural e dos espaços das cidades dos séculos XX e XXI, com seus novos fluxos de circulação e de comunicação (ASCHER, 2010), impactou de forma irreversível a maneira com que os cidadãos apreendem a cidade. Esse novo cenário, fincado inicialmente no desenvolvimento industrial da sociedade, moldou um novo *modus vivendi* onde as escalas dos projetos arquitetônicos de galpões, fábricas (HILBERSEIMER, 2012) e *hubs* de transporte trouxeram consigo uma nova experiência vívida da arquitetura. No entanto, com o advento do século XXI, as características das metrópoles e cidades industriais em pouco mais de um século cederam lugar às sociedades pós-industriais, descentralizadas, espraiadas, polinucleadas, levando o cidadão a uma experiência pós-urbana (FELICE, 2009) que se intensifica e está se desenvolvendo cada vez mais entrelaçada aos dispositivos eletrônicos e todo aparato de mídia (SANTAELLA, 2003), que se interpelam e anestesiaram o indivíduo de seu contato direto com a cidade. Essa modernidade líquida (BAUMAN, 2001) esvazia espaços e gera abandono de distintos locais, o que afeta diretamente a paisagem urbana, com novas e maiores ruínas provindas das mudanças das atividades da economia global.

As ruínas contemporâneas irrompem dentro desse distinto panorama urbano, pois a engrenagem que alimenta a produção irrefreável das cidades encontra, em seus extremos, locais de intensa degradação ambiental e urbana. O desembocar da rápida aceleração da sociedade contemporânea e desse modo produtivo hiperbólico despeja em outra parte da cidade, em seus extremos, os lixos e detritos dessa produção, criando assim mais uma categoria dentro da taxonomia que permeia o abandono: as ruínas reversas (SMITHSON, 2011). Se Detroit, nos Estados Unidos, se tornou um dos ícones da ruína contemporânea, sua imagem não só comunica a falácia do proplado “progresso”, mas também desmantela similarmente a intenção de perpetuar o debate das ruínas num campo bidimensional e estático das representações dos séculos passados. Nessa cidade, a brutal imagem de galpões abandonados e ruínas de plantas industriais, como da antiga fábrica *Packard* que ocupava oito quarteirões consecutivos, causa uma concussão densa no cidadão e arremessa a nostalgia bucólica da ruína de outrora para um lugar distante da compreensão dos espaços arruinados da contemporaneidade (MILLINGTON, 2010).

Nesse contexto atual, o estudo da ruína parece necessitar de um novo aparato metodológico, que tenha ferramentas capazes de englobar a polissemia de sentidos e ambiências encapsuladas no aparato fantasmagórico da distopia das cidades pós-industriais. Dessa maneira, pode-se afirmar que o aporte do método fenomenológico encontrou na seara da teoria da arquitetura reverberação entre arquitetos que se dispuseram a ampliar seus espectros, com a caixa de ressonância da filosofia (OTERO-PAILOS, 2010). Esse caminho pode deslocar a historiografia das ruínas para uma análise imbricada em seus sentidos ontológicos, onde as ambiências parecem elucidar um trajeto de entendimento desse novo leque de espaços arruinados contemporâneos. Assim sendo, a percepção multissensorial e a intersubjetividade estabelecem um novo elo de entendimento desse entrelace indissolúvel entre os espaços físicos e cognitivos (MERLEAU-PONTY, 1999), assim como o valor de ambiência/atmosfera se sobressai ao valor do objeto edificado (BÖHME, 2020).

Se antes as pinturas e crônicas de viajantes, que registravam ruínas, traziam um ar nostálgico para a leitura que versava sobre esta arquitetura, isso era um aspecto intrínseco também do distanciamento e afunilamento do cidadão na representação e apreensão das ruínas, entendidas como “restos”, sobras distantes; na sociedade contemporânea, cada vez mais cibernética e informatizada, o desenvolvimento das imagens digitais trouxe uma nova equivalência no impacto da semiótica das ruínas (KUSHINSKI, 2016). Além de documentários pós-guerras repletos de ruínas estampadas em seu conteúdo, o cinema também adentraria o distinto espectro de representação das ruínas, como no emblemático filme *Stalker*, do diretor russo Andrei Tarkovski (1979). Destarte, o fascínio pelas ruínas contemporâneas se potencializou com o crescimento exorbitante da profusão de imagens de ruínas. As redes interconectadas de dispositivos de mídia (SANTAELLA, 2003) produziram, nas últimas duas décadas, uma miríade estética de ruínas, coletadas e publicizadas por exploradores urbanos que tentam situar imagens soturnas, antes soterradas pelas narrativas impostas pelos conglomerados de mídia e instituições de poder.

Esses exploradores, responsáveis por uma espécie de arqueologia multitemporal, também chamados de *urbexers*, são provindos do movimento global denominado *Urbex* (sigla em inglês para *urban explorer*) e atuam de forma contra-hegemônica confrontando as narrativas estetizadas de fruição das cidades. Essa ação de campo atua em um limiar, um espaço mental e físico indefinido e em constante mutação. Tais exploradores, ao se infiltrarem em espaços abandonados

– em áreas fantasmagóricas –, em busca de uma experiência mais real da cidade e longe das induções fantasiosas dos espaços de consumo e turismo estéreis (GARRET, 2011; 2014), corroboram com o engodo do propalado espaço democrático. Conforme apresentado na Figura 1, “*Urbexer* em ação na localidade fantasma da Lagoinha em Petrópolis/RJ”.



Fig. 1: Urbexer em ação na localidade fantasma da Lagoinha em Petrópolis/RJ. Fonte: Souza, 2019.

As explorações urbanas de ruínas contemporâneas do *Urbex*, propagadas por redes sociais, demonstram de maneira nítida o fascínio que as diferentes texturas e ambiências das ruínas exercem sobre o cidadão. De Berlim, na Alemanha, com seus simbólicos prédios arruinados, como a antiga torre de espionagem *Teufelsberg*, à Homs, na Síria, com suas cenas distópicas de bairros inteiros arrasados pela destruição do bombardeio da guerra civil, todo tipo de ruína ganha notoriedade no repertório midiático desse grupo¹. A diferença entre a ruína lenta – *slow ruin*, aquela moldada pelo descuido e ação do tempo – e a ruína rápida – *fast ruin*, como são definidas as ruínas de guerra e desastres naturais – aponta para as tragédias que permeiam e pululam no léxico da mídia digital. São imagens impactantes, que descortinam de forma brutal o paradoxo da sociedade contemporânea. E são, acima de tudo, incondizentes com a imagem estéril e monolítica que se propaga das cidades contemporâneas, pois essas são formadas por paisagens híbridas e fragmentadas, características intrínsecas aos

¹ Neste ponto pode-se mencionar o papel preponderante de Henri Cartier-Bresson que, ao registrar em fotografias a vida na União Soviética do pós-guerra, de forma livre, e também cenários de desolação e ruínas na segunda metade do século XX (com sua experiência adquirida ao servir o exército francês na Segunda Guerra Mundial), trouxe para o campo fenomenológico a apreciação por todos esses cenários.

espaços urbano-arquitetônicos atuais. Conforme apresentado na Figura 2, “Paisagens híbridas na conformação da cidade de Petrópolis/RJ”.



Fig. 2: Paisagens híbridas na conformação da cidade de Petrópolis/RJ. Fonte: Souza, 2019.

Essa experiência de infiltração em ruínas traz também um aspecto lúdico de suma importância para o método fenomenológico de abordagem das ruínas. Nela, os corpos dos cidadãos se amalgamam com a arquitetura, desconstruindo caminhos e materialidades, imaterialidades, invertendo a ordem hegemônica dos materiais e aguçando a exploração por e através de tetos empenados, janelas estilhaçadas, sistemas de drenagens e ventilação corroídos, transformando assim a experiência vivida da arquitetura em uma profusa etnografia multissensorial (DESILVEY; EDENSOR, 2012). Conforme apresentado na Figura 3, “Corpo, arquitetura e natureza nos estudos da Lagoinha em Petrópolis/RJ”.



Fig. 3: Corpo, arquitetura e natureza nos estudos da Lagoinha em Petrópolis/RJ. Fonte: Souza, 2019.

Portanto, a ruinologia e seu campo de estudo são alçados a um novo paradigma, no qual o tempo e a história se confundem e se diluem com imagens do passado, do presente e do futuro. Nessa monta, o caráter imagético de atração dessa arquitetura em destroços gera uma espécie de “histeria das ruínas”. Agora destronada de seu protagonismo romântico e nostálgico de séculos passados, a ruína passa a se vulgarizar, saindo de uma posição de imanência, de um posicionamento em altar, para assumir um caráter obsceno de consumo voraz. Esse atributo atual, que se dispõe no ato obsessivo de consumo das ruínas, seria a qualidade atribuída ao termo *ruin porn* – pornografia de ruínas; uma condição *sine qua non* de todas e quaisquer ruínas contemporâneas, que, ao exercerem esse fascínio compulsivo nos cidadãos, captam e delineiam os rumos vigentes de compreensão e representação das arquiteturas em ruínas, suscitando um salto epistemológico da ruinologia à ruinophilia (BOYM, 2011).

4 Ação contra-hegemônica nas ruínas

Como mencionado, a cultura das ruínas contemporâneas deve sua larga profusão ao movimento de exploração urbana, denominado internacionalmente de *Urbex*. Os *urbexers* são grupos não oficiais de distintos cidadãos, como arquitetos, geógrafos, historiadores e fotógrafos, que vêm sistematicamente se infiltrando em lugares abandonados, explorando e registrando os espaços obductos da cidade através de vídeos, fotos e textos sobre as ambiências das arquiteturas em ruínas. Essa ação de campo, mesmo que despida de um método objetivo, é de suma importância na tarefa árdua de desconstruir os mitos e falácias difundidos por grupos dominantes e instituições de poder que insistem em propagar uma imagem uníssona e estéril das cidades. O registro e posterior publicização das imagens desvela a real cidade, plural e constituída de diversos espaços, fragmentados, dentre eles os espaços arruinados. Conforme apresentado na Figura 4, “Exploração no espaço arruinado da antiga pista de esqui de Petrópolis/RJ”.



Fig. 4: Exploração no espaço arruinado da antiga pista de esqui de Petrópolis/RJ. Fonte: Souza, 2019.

A tentativa dos grupos dominantes de obliterar a pluralidade das cidades vem acompanhada das forças especulativas que transformam as paisagens urbanas em paisagens-mercadoria (RONAI, 2015) e que, conseqüentemente, escamoteiam as nuances contidas nos espaços da urbe. Nesse contexto, a ação dos *urbexers*, que não está vinculada a nenhum poder ou instituição, desenvolve uma profunda ruptura com a forma que entendemos os espaços da cidade e suas paisagens híbridas. Essa ação contra-hegemônica coloca em pauta e contesta as narrativas monolíticas que fazem das cidades, desnudando também uma cidade oculta, que emerge na apreensão mental que fazemos da cidade (JEUDY, 2005).

203



Fig. 5: Cidade "entaberta" na abandonada Fábrica de Papel de Petrópolis/RJ. Fonte: Souza, 2019.

Assim como Mike Davis (2007) apontou as mazelas camufladas da cidade de Las Vegas, desconstruindo as narrativas hegemônicas das imagens de neon que transitam pelo mundo na divulgação dessa cidade, a ação dos *urbexers* desempenha um papel semelhante. E, não obstante, indica um posicionamento ativo no modo em que esses cidadãos atuam nos espaços da cidade. Logo, a postura apática que cada vez mais atinge os indivíduos de uma sociedade, que se encontram distantes dos espaços reais, dissimulados pela hiperconectividade da mídia (SANTAELLA, 2003), sofre um revés. Na exploração dos lugares abandonados e de suas arquiteturas em ruínas, os *urbexers* afirmam sua intenção de direitos à cidade (LEFEBVRE, 2001), talvez de uma outra cidade imaginada e provável. Dessa maneira, essa prática indica um exercício cidadão de escapismo das normas da urbe, uma busca por um espaço alternativo de possibilidades multivocais, um desvio dos enfoques e prismas desagradáveis da vida cotidiana, evocando assim a imaginação de outros mundos possíveis, de paisagens alternativas.

Essa atuação na cidade, de forma emancipatória, reforça a postura ativa do cidadão (DE CERTEAU, 1974), que induz a uma atitude de combate ao simulacro (BAUDRILLARD, 1991), que se tornou a experiência vivida na cidade contemporânea; cidade esta dissimulada por uma arquitetura espetacular, uma arquitetura-publicidade de valores fugazes e controles tenazes. Essa sociedade do espetáculo (DEBORD, 2007), que encobre a participação real do cidadão, anestesia a experiência urbana, como indica Massimo di Felice (2009) nos seus escritos sobre a vivência pós-urbana da atualidade. Isto posto, é possível perceber que a ação contra-hegemônica dos exploradores urbanos de ruínas, no ato desafiador das narrativas hegemônicas, revela um lado oculto da cidade. Mostra-se fortuitamente uma expressiva contribuição ao entendimento da complexa cidade contemporânea, talvez um embrião da resistência ao modo imperativo e opressivo que condiciona o uso do espaço urbano-arquitetônico nos ambientes da urbe.

5 Considerações finais

A pesquisa apresentada neste artigo vem se desenvolvendo, em última instância, com o intuito de trazer ao debate acadêmico nuances e especificidades do campo de estudos das ruínas, que diversas vezes são invisibilizadas por conta das temáticas de conservação e restauro que enlaçam os pensamentos nesta seara da teoria da arquitetura. Se o debate preservacionista merece destaque e relevância nas pesquisas do patrimônio histórico, ainda assim, seus aspectos culturais permanecem, em nosso entendimento, pouco alterados nos estudos publicados recentemente. No entanto, as mudanças drásticas que acometeram os espaços das cidades, no último século, trouxeram consigo uma necessidade de novas reflexões críticas sobre a arquitetura que conforma esta cidade contemporânea e sua representação. Constituída por paisagens multifacetadas, mesmo que grupos dominantes e instituições de poder insistam em narrativas monolíticas com imagens de espaços estéreis, completamente descolados da realidade plural e concreta dos espaços da cidade, as arquiteturas em ruínas, neste contexto, assumem um papel de suma importância, na apreensão e compreensão da complexidade da cidade contemporânea. Suas cicatrizes, que marcam e estão presentes de forma ubíqua no espaço urbano, estampam, de maneira clara, o antagonismo e a falácia contida nas narrativas uníssonas e de caráter especulativo e controlador das imagens que se fazem das cidades.

Nesse sentido, entender o arco temporal que conduz as reflexões sobre a cultura das ruínas e buscar apontar caminhos para a necessidade vital de uma nova epistemologia, seria a base para alçar o salto da ruinologia à ruinophilia. Pretende-se, assim, compreender o lócus e as distintas camadas, não apenas dos espaços físicos da urbe, mas também as camadas que considerem as narrativas alternativas e que possibilitem a constituição das reais paisagens fragmentadas e conflitantes que compõem o repertório da complexa urbe contemporânea. Destarte, a ação contra-hegemônica do grupo de exploração urbana *Urbex* poderia capacitar cidadãos distintos a versarem e confrontarem o *status quo* que se impõe sobre o modo de se fazer e usar os espaços urbano-arquitetônicos da urbe. Ao se infiltrarem em espaços arruinados e produzirem relatos e registros dessa arquitetura em destroços, os *urbexers* catapultam o imaginário e o sentido das ruínas para o panorama dos tempos atuais, que, por sua vez, se deslocam da historiografia tradicional e passam a assumir uma característica ontológica, mais condizente com os espaços intrincados que compreendem as ruínas contemporâneas.

Essa ação de campo, que considera a experiência vivida da arquitetura como método de análise fenomenológico (OTERO-PAILOS, 2010) do espaço arruinado, possibilita uma nova compreensão das ruínas, onde as abordagens teórico-históricas são condicionadas a uma realidade contemporânea tátil, estética e sensorial, o que corrobora as premissas de uma virada epistemológica e histórica nos modos de pesquisa e investigação e, portanto, no delineamento de subjetividades na seara

da teoria da arquitetura. E assim destrona, de maneira cordial, a postura distanciada e romântica de se entender o papel das arquiteturas em ruínas na composição arquitetural e, não obstante, nas narrativas hegemônicas e na imagem mental que se engendra nos espaços multivocais contidos nas paisagens urbanas da cidade vigente.

Agradecimentos

Agradecemos ao PROARQ/UFRJ pelo apoio à tradução através do Programa CAPES PROEX.

Referências

- ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOYM, S. Ruinophilia: appreciation of ruins. In: **ATLAS OF TRANSFORMATION**. [S. l.]: [s. n.], 2011. Disponível em: <http://monumenttotransformation.org/atlas-of-transformation/html/r/ruinophilia/ruinophilia-appreciation-of-ruins-svetlana-boym.html>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BÖHME, G. **Atmospheric architectures: the aesthetics of felt spaces**. Londres: Bloomsbury, 2020.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- DAVIS, M. **Cidades mortas**. São Paulo: Record, 2007.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- DESILVEY, C.; EDENSOR, T. Reckoning with ruins. **Progress in Human Geography**. Londres, v. 37, n. 4, p. 1-21, 2012.
- DILLON, B. (org.). **Ruins**. Cambridge: MIT, 2011.
- FELICE, M. di. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.
- GARRET, B. L. Assaying history: creating temporal junctions through urban exploration. **Environment and Planning D: Society and Space**, Londres, v. 29, n. 6, p. 1048-1067, 2011.
- GARRET, B. L. Undertaking recreational trespass: urban exploration and infiltration. **Transactions of the Institute of British Geographers**. Nova York, v. 39, n. 1, p. 1-13, 2014.
- GOTTDIENER, M. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 2016.
- HILBERSEIMER, L. **Metropolisarchitecture and selected essays**. Nova York: Columbia University GSAPP, 2012.
- JEUDY, H.-P. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.
- KNACK, E. R. J. Patrimônio, ruínas e historicidade no século XVIII: um olhar sobre Hubert Robert. **Revista Confluências Culturais**, Joinville, v. 6, n. 2, p. 73-87, set. 2017.
- KUSHINSKI, A. Light and the aesthetics of abandonment: HDR imaging and the illumination of ruins. **Transformations Journal of Media & Culture**, [S. l.], n. 28, p. 1-11, 2016.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- MACAULAY, R. **Pleasure of ruins**. Nova York: Walker and Company, 1966.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILLINGTON, N. **Post-industrial imaginaries**: nature, representation, and ruin in Detroit, Michigan. Orientador: Kris Olds. 2010. 98 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, University of Wisconsin-Madison, Madison, 2010.

OTERO-PAILOS, J. **Architecture's historical turn**: phenomenology and the rise of the postmodern. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

RONAI, M. Paisagens II. Nossos clássicos. Tradução Werther Holzer. **GEOgraphia**, Niterói, v. 17, n. 34, p. 247-261, 2015.

RUSKIN, J. **The seven lamps of architecture**. Nova York: John Wiley, 1849.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SMITHSON, R. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. **Arte & Ensaios**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 22, p. 162-167, 2011.

STALKER. Direção de Andrei Tarkovski. URSS: Mosfilm, 1979. 1 vídeo (163 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TGRDYpCmMcM>. Acesso em: 10 ago. 2022.

TANIZAKI, J. **Em louvor da sombra**. Tradução Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

TUAN, Y.-F. **Paisagens do medo**. São Paulo: Unesp, 2005.

VIOLLET-LE-DUC, E. E. **Restauração**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. (Série Artes & Ofícios).